

**M é t o d o M a t r i z :
D a R a i z à A u t o r i a**

By: Anna Vitória

Prefácio

Da Raiz à Autoria

Ninguém nunca fotografou uma raiz.

Fotografamos a árvore. A copa aberta, a sombra generosa, o fruto maduro ao alcance da mão. Aplaudimos o que cresceu. Mas a parte que sustenta tudo isso vive no escuro, curvada entre pedras, sem plateia e sem pressa. A raiz não recebe elogios. A raiz apenas insiste.

E é sempre ali, no ponto onde ninguém está olhando, que uma história de verdade começa.

Propriá, interior de Sergipe.

Uma cidade onde o rio corta a paisagem com mais generosidade do que o mercado de trabalho oferece oportunidades. Onde as pessoas se conhecem pelo nome, e onde o futuro, para muita gente, já vem escrito antes mesmo de ser vivido.

É lá que mora uma menina de dezenove anos.

Ela cresceu num bairro que a cidade prefere não olhar de perto, dividindo a casa com três irmãos, dormindo em beliche, ouvindo pela manhã o barulho da mãe se arrumando para a feira — caldo de cana, pastel, o cheiro doce e quente da garoa de gordura que ficava impregnado na roupa. À noite, o pai voltava com as mãos escuras de graxa, marcadas por parafusos e motores. Duas formas diferentes de dizer a mesma coisa: *aqui em casa, a gente trabalha*.

Ela já tinha experimentado a carteira assinada. Já tinha sentido o gosto morno da segurança e, logo depois, o gosto amargo da frustração. Já tinha entendido, cedo demais, que esperar por uma porta que se abrisse podia custar a vida inteira.

Então ela fez algo que quase ninguém faz aos dezenove anos.

Ela parou de esperar.

Não houve trilha sonora. Não houve discurso.

Houve apenas uma decisão silenciosa, tomada por alguém tímida, com pouco dinheiro no bolso e quase nenhum conhecimento técnico — o tipo de decisão que, vista de fora, parece pequena, e vista de dentro, é um terremoto.

O pouco que ela tinha virou um kit de unhas.

Um kit simples. Sem nada de extraordinário. Manicure e pedicure comum, o básico do básico, o mesmo que centenas de pessoas já faziam. Ela não tinha técnica rara, não tinha estrutura, não tinha nome. Tinha uma única coisa que ninguém podia comprar por ela: disposição para ir até onde a cliente estava.

E foi assim que a bicicleta roxa voltou à história.

Um presente antigo do pai. Um objeto que já tinha sido brinquedo e agora virava ferramenta. Ela amarrava nas costas a bolsa pesada — alicates, esmaltes, algodão, o peso desproporcional de um sonho ainda sem forma — e pedalava. Sol de Sergipe na nuca. Rua de terra. Portões desconhecidos. Uma menina tímida batendo palma no portão dos outros, dizendo boa tarde, entrando em salas alheias para transformar mãos alheias.

Guarde essa imagem, porque ela diz mais sobre sucesso do que qualquer manual: **Antes de existir estrutura, existe movimento.**

Ela não tinha salão. Tinha pernas. Tinha uma bicicleta roxa. E tinha a coragem — que é a mais subestimada de todas as ferramentas — de começar exatamente com o que já estava na sua mão.

Uma cliente. Depois outra. Depois mais uma.

Nenhum salto. Nenhum milagre. Apenas o acúmulo lento, quase invisível, de dias repetidos com capricho. É assim que raiz cresce: milímetro por milímetro, no escuro, sem que ninguém perceba.

Até que o próprio crescimento virou problema.

Havia clientes demais e distância demais. O tempo do deslocamento começou a comer o lucro. A conta parou de fechar. E ela entendeu o que todo mundo que cresce um dia precisa entender: *o que te trouxe até aqui não vai te levar adiante.*

Era hora de as clientes irem até ela.

Só que ter um ponto comercial custava um dinheiro que simplesmente não existia. Então ela olhou em volta e encontrou o único espaço disponível no mundo inteiro:

A sala de casa.

Dois quartos pequenos, uma cozinha, um banheiro, cinco pessoas, beliche. E uma sala que, a partir daquele dia, passaria a ter duas identidades.

Ela juntou trocado por trocado — daqueles trocados que a gente conta duas vezes antes de gastar. Comprou uma mesa. Comprou equipamentos um pouco melhores. E montou o primeiro espaço profissional da vida dela dentro da casa onde tinha crescido.

A parede não ajudava. O reboco caía.

Deixe esse detalhe assentar por um segundo. Enquanto ela atendia, cuidando de cada detalhe de uma unha, corrigindo milímetros, buscando perfeição — atrás dela, a parede se desfazia devagar.

E ela seguia trabalhando.

Porque essa é a verdade que quase ninguém conta no começo de uma carreira: **você vai construir coisas bonitas em lugares imperfeitos.** Vai fazer trabalho de excelência com equipamento simples. Vai atender numa sala com reboco caindo e ainda assim entregar algo que faz a cliente sair diferente de como entrou.

Estrutura frágil não impede sonho grande. Só exige raiz mais funda.

Ela poderia ter parado ali. Muita gente para.

A sala funcionava. As clientes vinham. O dinheiro dava para viver. Existe um conforto perigoso no "está dando certo o suficiente" — é onde a maioria das histórias emperra.

Mas ela não se conformou.

Vieram os cursos. Os workshops. As horas de estudo depois do expediente, quando o corpo já pedia cama. As tentativas que não deram certo. As unhas refeitas. A mão que treme antes de aprender e depois obedece. Ninguém filmou essa parte. Ninguém aplaude essa parte.

É exatamente essa parte que constrói profissionais.

E então veio o divisor de águas: **alongamento em fibra de vidro e gel.**

Não foi um dom. Não foi sorte. Foi repetição teimosa até a técnica virar linguagem. Foi errar o suficiente para acertar com naturalidade. E foi, mais uma vez, espremer o pouco que conseguia guardar para comprar os equipamentos que aquele novo nível exigia.

A partir dali, o nome dela começou a significar alguma coisa em Propriá.

Não porque ela ficou famosa. Porque ela ficou **boa.**

Cerca de três anos depois daquela mesa na sala de casa, chegou o dia.

A sala ficou pequena.

Nascia a Esmalteria Anna Vitória — um espaço próprio, com porta própria, com nome na frente. Veio a primeira funcionária. Veio a sensação estranha e vertiginosa de olhar em volta e perceber que aquilo tudo tinha vindo de uma bicicleta roxa e de um kit comprado com quase nada.

Mas ela não parou. Nunca parou.

Mais técnica. Mais networking. Mais aprofundamento. A loja de artigos para nail. E, no meio de tudo isso, uma inquietação nova, diferente de todas as anteriores:

Isso que eu aprendi não pode morrer comigo.

Foi quando ela decidiu ensinar. Foi quando nasceu o curso. Foi quando a esmalteria, a loja e o conhecimento se encontraram sob um único nome: **Anna Vitória Nail Studio.**

E foi ali que a raiz virou autoria.

Agora eu preciso falar com você.

Sim, você — que está segurando este livro talvez com a mesma insegurança que ela sentia aos dezenove anos. Você, que olha para o próprio kit e acha pouco. Que olha para o próprio espaço e acha simples. Que olha para as profissionais que admira e sente aquele aperto no peito: *eu nunca vou chegar lá.*

Preciso te dizer uma coisa com toda a honestidade:

Você não está atrasada. Você está na raiz.

O que você chama de "pouco" é exatamente o mesmo ponto de partida de toda profissional que hoje você admira. A diferença entre quem chega e quem não chega quase nunca é talento, dinheiro ou sorte. É a disposição de atravessar a fase invisível — a fase sem aplauso, sem seguidor, sem elogio, em que a única testemunha do seu esforço é você mesma.

A árvore não fica forte por causa dos frutos. Fica forte por causa da profundidade do que ninguém vê.

Este livro se chama **Método Matriz: Da Raiz à Autoria** porque essa é, honestamente, a única ordem possível.

Antes da autoria, existe a raiz. Antes da técnica, existe a repetição. Antes da profissional reconhecida, existe uma iniciante corajosa. Antes do resultado, existe um processo que quase ninguém tem paciência de atravessar.

Nas próximas páginas você vai aprender fundamentos, estrutura, técnica, refinamento. Vai construir, camada por camada, a profissional que ainda não existe em você — mas que já está inteira aí dentro, esperando a primeira decisão.

Só não espere se sentir pronta.

Aquela menina não estava pronta quando comprou o kit. Não estava pronta quando subiu na bicicleta roxa. Não estava pronta quando encostou uma mesa na parede com reboco caindo e chamou aquilo de estúdio.

Ela ficou pronta **fazendo**.

Você não precisa estar pronta para começar. Você precisa começar para se tornar pronta.

Vire a página.

Sua raiz começa aqui.